

A contribuição da Psicologia Social para a Gerontologia Social

Joelma Elenice Alves de Jesus



Quando eu pensar que aprendi a viver, terei aprendido a morrer.
Leonardo da Vinci

A morte permeia a vida das pessoas, e o ditado popular “para morrer, basta estar vivo” contém uma verdade profunda, sobre a qual a grande maioria das pessoas evita refletir. Embora as pessoas estejam rodeadas pela morte cotidianamente, ao longo do ciclo vital, é na doença e na velhice que a percepção de finitude se mostra mais latente, tanto para o doente e para o velho como para aqueles que os rodeiam. No entanto, na sociedade ocidental, falar de morte não é fácil e a maneira como a grande maioria das pessoas lida com o fim da vida é cercada de preconceito, medo e muita dor. A partir dessas considerações, gostaria de refletir, ainda que de maneira incipiente, sobre a velhice, a vida e a morte. Como o indivíduo e a sociedade concebem a velhice e a morte? Como o velho pensa na morte? A maneira como ele vive, e a sociedade em que vive, interfere em como compreende e enfrenta o fim nessa fase da vida? Quais as perdas enfrentadas? E quais os ganhos? Existem ganhos?

Não pretendo abordar as questões de saúde e doença na velhice, embora relevantes e pertinentes, nem tão pouco abordar os aspectos religiosos que envolvem a compreensão da morte. No momento em que inicio essa reflexão busco abordar mais a subjetividade e sua relação com o homem social, o homem multideterminado. Recorro, assim, à psicologia social e a alguns

autores e pesquisadores que já se debruçaram sobre as questões da velhice, da vida a da morte.

Em entrevista intitulada “Parar para pensar... E depois fazer!” Lane (1996) diz que sem a ação de pensar não é possível a emancipação. Com este trabalho, inicio um pensar para orientar o meu fazer.

Velhice

Segundo Braghirolli (2007) é através do processo de socialização que o indivíduo adquire padrões de comportamentos habituais e aceitáveis nos grupos sociais nos quais está inserido. O processo de aprender a ser um membro de determinada instituição social se inicia na infância e perdura por toda a vida, e leva o indivíduo a atuar, sentir e pensar de forma muito semelhante aos seus pares. A autora afirma, ainda, que a influência da cultura da sociedade em que o indivíduo vive é muito forte na formação de sua personalidade, influenciando de maneira marcante seus motivos, atitudes e valores. Inicialmente, é a família que ensina à criança as prescrições sociais, no entanto, não é ela o único fator e agente que compõe o processo de socialização.

Cada sociedade, no seu tempo, tem sua cultura. Em algumas sociedades antigas os velhos eram tidos como sábios e conselheiros, como na cultura hebraica a.C, na qual a velhice era considerada uma benção e os jovens advertidos quanto à brevidade do vigor da juventude (Eclesiastes 11.10). Considera-se que sociedades orientais cultivam representações positivas de velhice. É possível compreender, então, que a concepção de velhice está relacionada a cada sociedade e cultura, no seu tempo na história. Portanto, a imagem negativa da velhice, associada apenas às perdas e deterioração é uma construção social contemporânea ocidental. Segundo Schneider e Irigaray (2008, p.587):

As concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas multidirecionadas e contraditórias. Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda.

Pode-se entender, assim, que a concepção de velhice é uma construção social contemporânea e característica de uma determinada sociedade, ou de um determinado grupo. Braghirolli (2007) descreve como grupo o conjunto de pessoas que atenda, ao mesmo tempo, os critérios de estar em contato,

considerar-se mutuamente e ter algo importante em comum, e também divide grupo em duas categorias: primário e secundário. No interior dos grupos, cada indivíduo possui uma posição, um *status* e um papel. A posição se define pelo conjunto de direitos e deveres do indivíduo no grupo; o *status* é a importância atribuída a cada posição; papel é compreendido como o comportamento que se espera do indivíduo que ocupa determinada posição com determinado *status*.

Segundo Braghirolli (2007), os papéis que o indivíduo desempenha por longos períodos de tempo deixam marcas significativas que se evidenciam em outros grupos, nos quais o indivíduo desempenha outro papel. É possível inferir, assim, que a pessoa velha, pode sentir alguma dificuldade em redefinir seu lugar na sociedade, uma vez que pode perder sua posição, seu *status* e seu papel em decorrência da concepção negativa da velhice na sociedade contemporânea.

Schneider e Irigaray (2008) entendem que a velhice é uma experiência individual, que pode ser experimentada negativa ou positivamente, de acordo com a história de vida do indivíduo e com a representação de velhice pertinente à sociedade a que pertence. Os autores ainda afirmam que a tentativa de encontrar termos para nomear a velhice denota o quanto o processo de envelhecimento é complexo, negado, evitado e temido. Considero que essa dificuldade em lidar com o processo de envelhecimento surge, especialmente, nas idades mais maduras, quando os aspectos físicos, como as rugas, as limitações, evidenciam essa condição.

Em geral, não existem grandes dificuldades para lidar com as passagens da infância para a adolescência, desta para a juventude e daí para a vida adulta. Essas primeiras fases do processo de envelhecimento trazem consigo muitas concepções positivas associadas à construção, desafios, conquistas, infinitas possibilidades. Já o aproximar da velhice leva o indivíduo a refletir sobre o fim, sobre o seu fim, sobre as perdas. As mudanças e as perdas fazem parte do processo de envelhecimento desde o início do ciclo da vida, mas são mais sentidas nas idades avançadas.

De alguma forma quando mais jovem o indivíduo pode suportar a perda da infância, porque ganha a adolescência; perde a liberdade da vida de solteiro, mas ganha a possibilidade de construir uma família; já nas idades mais avançadas, parece que existem poucos substitutos para as perdas inerentes a essa fase da vida. Os velhos perdem seus papéis sociais, aqueles que desenvolveram ao longo da vida, e devem apropriar-se de novos papéis, muitas vezes estereotipados e carregados de preconceitos. Perdem amigos, outros velhos que morrem, e a velhice é vista, essencialmente, como um período de muitas perdas e poucos ganhos. Ao ficar velho, conforme a concepção social da velhice, o que se ganha é o rótulo de improdutivo, inativo, dependente. Se ganha a morte.

Para Kovács (2010) a velhice é a fase do desenvolvimento humano mais marcada por estigmas e atributos negativos, o que se justifica, em parte, pelas perdas corporais, financeiras, de produtividade e, em alguns casos, pela separação da própria família.

Schneider e Irigaray (2008) realizaram um estudo sobre os aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais do envelhecimento, e ao abordar o aspecto social reafirmam o caráter heterogêneo e complexo da velhice, pois percebem que para alguns ela é marcada pela aposentadoria, representa o desengajamento da vida social, para outros é o início de uma vida social prazerosa e dinâmica.

Economicamente, o trabalho remunerado é o que determina o indivíduo como produtivo socialmente. No entanto, conforme afirma Lane (1989, p.67) [...] há uma série de necessidades que não são satisfeitas exclusivamente através do salário, e que podem ser motivos para o agrupamento de pessoas visando a sua satisfação. Lane (1989) sugere que nas sociedades capitalistas, em que a ideologia dominante se faz sentir nas relações sociais desempenhadas na família, na escola e no trabalho, impedem ou dificultam as novas formas de relacionamentos. Assim, pode-se inferir que muitos indivíduos realmente acreditem que na velhice o desengajamento social seja compulsório.

Segundo a argumentação de Schneider e Irigaray (2008), o envelhecimento é resultado da construção que o indivíduo fez durante toda a vida. Kovács (2010) acredita que o modo como cada indivíduo vai viver ou representar perdas da velhice está vinculado ao seu processo de desenvolvimento e à consciência de cada um. No entanto, é possível também argumentar que a construção da velhice não é unicamente de responsabilidade do indivíduo, mas da indissociável interação indivíduo-sociedade, pois, ao mesmo tempo em que a sociedade é construída pelo indivíduo, ela também produz a subjetividade humana.

Morte



Falar sobre morte é extremamente delicado, pois é assunto muito amplo carregado subjetividade. Cada indivíduo, considerando sua experiência de vida, em cada sociedade, em cada cultura e sob a influência de cada crença religiosa, tem sua maneira de pensar sobre a morte.

Pode-se perceber que a morte está muito próxima dos indivíduos no dia a dia, seja na fragilidade da vida, seja nas interações sociais, nos diálogos, nos meios de comunicação e de entretenimento. No entanto, pensar na morte de um ente querido, ou na própria morte, traz um grande desconforto. Falar de morte com uma criança traz um grande embaraço. Kübler-Ross (1996) tenta explicar os motivos de fugir de encarar a morte com naturalidade dizendo que a tristeza de morrer abrange vários aspectos e é solitário, mecânico e desumano.

Segundo Kübler-Ross (1996) desde tempos remotos o homem abominou a morte, e trás uma explicação psicanalítica informando que para o inconsciente humano é inconcebível morrer de causa natural ou idade avançada. A morte está ligada a algo ruim, um acontecimento medonho. Em muitas sociedades ocidentais a morte é considerada tabu, não se pode falar nela e as crianças são preservadas dos acontecimentos mórbidos, pois, supostamente, não devem compreender algo tão triste. Costumo pensar que esse afastamento das crianças dos funerais está mais relacionado ao fato dos próprios adultos não serem capazes de abordarem o tema; se eles não dão conta, como poderão ensinar as crianças?

Kovács (2010) observa que o homem, ao longo do tempo, sempre desafiou e tentou vencer a morte por considerar-se um ser imortal, mesmo estando consciente de sua finitude. Fica a questão: não é um retrocesso negar essa consciência? Afirma que o homem busca na verdade, a juventude eterna, não a vida eterna.

Arendt (2007) traz um interessante argumento sobre um dos motivos pelo qual a vida é tão valorizada na contemporaneidade. Segundo a autora, essa valorização da vida, como bem supremo para a sociedade, é devida a inversão de posições no seio de uma sociedade cristã, pois promoveu aquilo que era mais mortal, a vida humana, à posição de imortalidade. O cristianismo trouxe uma nova forma de explicar a vida, garantindo a imortalidade, já que, até então, a imortalidade era atribuída aos deuses e figuras mitológicas. Arendt (2007, p.329) lembra como o Decálogo menciona o crime de homicídio sem lhe atribuir gravidade especial frente às outras transgressões, afirma que:

A vida na Terra pode ser apenas o primeiro e mais lastimoso estágio da vida eterna; ainda assim, é a vida e, sem essa vida que termina com a morte, não pode haver vida eterna. Talvez resida aí o motivo para o fato indubitável de que somente quando a imortalidade da vida individual passou a ser o credo básico da humanidade ocidental, isto é, somente com o surgimento do cristianismo, a vida na Terra passou também a ser o bem supremo do homem.

É interessante pensar nesse ponto de vista que pode contribuir para a compreensão da visão sobre a morte nas sociedades ocidentais, significativamente influenciadas pelo cristianismo.

Conclusão

Considerando as afirmações de Braghirolli (2007) que é através do processo de socialização que o indivíduo adquire padrões de comportamentos habituais e aceitáveis nos grupos sociais nos quais está inserido; que o processo de aprender a ser membro de determinada instituição social começa na infância e perdura por toda a vida, faz com que o indivíduo atue, sinta e pense de uma forma muito semelhante aos seus pares.

Assim, a influência da cultura na sociedade é muito forte na formação da personalidade ao orientar seus motivos, atitudes e valores. Pode-se, então, inferir que é desde a mais tenra idade que se faz necessário o incentivo à reflexão sobre o envelhecimento e a morte em todas as esferas sociais, pois, embora seja a família que ensine à criança as prescrições sociais, não é ela o único fator e agente que compõe o processo de socialização.

Consideramos que, segundo a Psicologia Social, a construção do “eu” - a individualidade - se desenvolve através do grupo em que o indivíduo vive, e que a identidade social e a consciência de si mesmo se constroem nessa interação entre o indivíduo e o outro, nas suas relações sociais. A identidade social se define quando o indivíduo responde à questão “Quem sou eu?”, resposta apreendida nas relações grupais.

A consciência de si mesmo é desenvolvida a partir do questionamento das razões históricas da sociedade e do grupo a que o indivíduo pertence, o que explica a sua identidade social. A consciência de si mesmo pode alterar a identidade social, no entanto, não é um processo simples, uma vez que os grupos são mantidos por instituições sociais bem aparelhadas para anular ou amenizar os questionamentos que podem levar à consciência de si mesmo (Lane, 1989).

É possível compreender, então, que a concepção atual da velhice está enraizada numa sociedade que vai resistir aos questionamentos e às propostas de uma desconstrução/reconstrução dessa concepção negativa para uma mais adequada. Da mesma forma acontece com o conceito de morte, enraizado em uma compreensão cristalizada ao longo da história da sociedade ocidental.

É possível concluir, assim, que a Psicologia Social traz uma concepção do homem que contribui no entendimento das construções sociais e da relação indivíduo-sociedade e esse entendimento pode servir como ferramenta para a Gerontologia Social que atua nesse contexto de cristalização e coerção no enfrentamento da resistência ao convite a uma tomada de consciência.

Referências

ARENDRT, H. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BRAGHIROLI, E. M.; BISI, G.P.; RIZZON, L.A.; NICOLETTO, U. *Psicologia Geral*. 27ª edição. Porto Alegre: Editora Vozes, 2007.

KOVÁCS, M.J. (coord). *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LANE, S.T. *O que é Psicologia Social*. 15ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

LANE, S.T. Parar para pensar... e depois fazer! Entrevista concedida a Ciampa, A.C.; Ardans, O. e Satow, S. In: *Psicologia & Sociedade Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO*, v.18, n.1, jan./jun. 1996.

NASCIMENTO, A.M.; ROAZZI, A. A estrutura da representação social da morte na interface com as religiosidades em equipes multiprofissionais de saúde. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 435- 443, 2007. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300011&lng=en&nrm=iso Acesso 19 Oct. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000300011>.

NERI, A. L. Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 2004, 1(1), 69-80.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho científico*. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHNEIDER, R.H.; IRIGARAY, T.Q.. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, Dec. 2008. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 Oct. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>.

Data de recebimento: 10/11/2015; Data de aceite: 25/11/2015.

Joelma Elenice Alves de Jesus – Psicóloga. Curso de Extensão “Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento”, da COGEAE- PUC-SP. Email: joelma.alves.psi@gmail.com